

OS COTIDIANOS E OS ESTUDOS SOBRE INTERVENÇÕES COM AUTORES DE VIOLÊNCIA DOMÉSTICA: APROXIMAÇÕES E POSSIBILIDADES

JULIANA LAZZARETTI SEGAT¹; MARCIO CAETANO²

¹Universidade Federal de Pelotas – julianalsegat@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – mrvcetano@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Muitas pesquisas sobre violência doméstica contra as mulheres, sobre homens autores de violência (HAV) e sobre intervenções educativas destinadas a esses últimos, temas dos quais me ocupo em minha pesquisa, realizam suas análises amparadas em debates macropolíticos/macroestruturais. Desde que decidi me aventurar num ziguezaguear *teoricoprático* sobre tais intervenções (hoje, previstas como medida protetiva de urgência na Lei Maria da Penha), também busquei compreender estruturas e normas sociais subjacentes ao fenômeno da violência doméstica, e como estas operam na organização das relações de gênero e na constituição de subjetividades - sobretudo, nas masculinidades de homens cisgêneros. Compreendia - e ainda compreendo - que entender as bases estruturais que dão sustentação e legitimidade a comportamentos violentos de homens contra mulheres, sobretudo em relacionamentos afetivos cisheteronormativos, permite-nos pensar em múltiplas formas de atuar no enfrentamento dessas violências, para além da punição penal. Nesse sentido, intervenções educativas, como grupos reflexivos de gênero, apresentam-se como práticas de prevenção possíveis para questionar, junto aos homens, padrões nocivos de gênero que associam masculinidades e violências.

A lógica de situar o fenômeno da violência doméstica como produto de estruturas sociais profundamente hierarquizadas e desiguais - e de modelos hegemônicos de masculinidade e feminilidade - faz com que, muitas vezes, nos esqueçamos de voltar a atenção para o *espaçotempo* onde tais violências acontecem: os cotidianos. É, sobretudo, nos cotidianos em que as relações sociais de gênero são apreendidas e estabelecidas; que as relações de poder vão se construindo. É nos cotidianos que se passam, e se atravessam, as experiências de gênero. É neles que evocamos os currículos de gênero, raça, sexualidade, classe, que circulam em nossas redes formativas. É neles que as tensões ocorrem e se corporificam, que as violências se materializam e que o que se aprende em uma intervenção educativa pode reverberar.

Daí a importância dos estudos *nos/dos/com* os cotidianos, uma vez que trazem consigo a possibilidade de mergulharmos e compreendermos a realidade (GARCIA, 2003) a partir das contradições e incoerências que lhes são próprias; a partir do que nos contam os protagonistas destes cotidianos. Como bem apontou GARCIA (2003, 195), "o cotidiano é a hora da verdade. É ali que os grandes projetos, as grandes explicações, as grandes sínteses, as grandes narrativas e as grandes certezas são confirmadas ou negadas [...]". Assim, olhar para os cotidianos nos permite ir ao encontro da alteridade e da desnaturalização daquilo que achamos que sabemos sobre os fenômenos (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018). Em minha pesquisa de tese, objetivo investigar os usos cotidianos que HAV participantes de um grupo reflexivo fazem das normas sociais de gênero e de saberes que lá circulam. Neste resumo, objetivo refletir sobre possíveis

contribuições que diferentes abordagens teóricas sobre os cotidianos oferecem às pesquisas sobre intervenções com homens autores de violência doméstica.

2. METODOLOGIA

Aqui, apresento um recorte de estudos desenvolvidos para o projeto de tese. Por meio de uma abordagem qualitativa e de uma pesquisa bibliográfica, exploro, no presente trabalho, duas perspectivas sobre a questão proposta, a fim de investigar as possibilidades de utilizá-las como base teórica no marco dos estudos sobre intervenções com HAV. Uma das abordagens é de ordem marxista, estruturalista, aqui representada pela filósofa húngara Agnes Heller. Outra é construída pelo historiador francês Michel de Certeau, que, a partir de um trânsito entre diferentes campos do saber, buscou subverter as abordagens tradicionais da sua época, como o marxismo e o estruturalismo (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

AGNES HELLER (2000) pensou a vida cotidiana como o espaço da produção e reprodução da vida social. Dedicou-se a delinear a estrutura da vida cotidiana, os preconceitos e os papéis sociais que nela praticamos, assumimos, assimilamos. Para ela, a estrutura da vida cotidiana é composta pela **espontaneidade** e pela **repetição**, as quais se implicam mutuamente (HELLER, 2000). Não haveria, pois, questionamento sobre o que se faz - faz-se assim, por que é desse modo -; tampouco tempo para calcular com exatidão as consequências das ações. Disso decorre o **economicismo** da vida cotidiana (HELLER, 2000). Normalmente, nessa esfera, não trabalhamos na profundidade, mas, sim, na ordem do superficial.

HELLER (2000, p. 31) também propõe que há, no cotidiano, uma unidade entre pensamento e ação, caracterizando um **pragmatismo**, o qual, para além do individual, é visto “como projeção das aspirações e dos interesses de um determinado grupo social” – podemos pensar, por exemplo, nos homens brancos cisheterossexuais em um contexto patriarcal. Também, o cotidiano tem como traço a **imitação**. Para HELLER (2000), não agimos apenas seguindo normas e preceitos, agimos imitando os outros - o que é algo identificável nos casos de violência doméstica, por exemplo, em que um dos fatores de risco para sua ocorrência é a inserção dos envolvidos em contexto familiar com histórico de violências. Nesse ponto, algo que a autora problematiza é o quanto seríamos capazes de criar um campo de liberdade dentro dessa mimética, configurando novas atitudes. Outro aspecto da estrutura da vida cotidiana é o seu caráter **ultrageneralizador**, ou seja, baseia-se nos juízos provisórios elaborados a partir da experiência individual, nos estereótipos, nas analogias e esquemas já existentes, ou que são “‘impingidos’ pelo meio em que crescemos” (HELLER, 2000, p. 43). Quando tais juízos se baseiam na particularidade e na fé, tornam-se preconceitos, buscando conservar um certo *status quo* (HELLER, 2000).

A perspectiva de Heller auxilia na reflexão sobre como normas sociais, aqui se destacando àquelas relacionadas ao gênero e suas imbricações, se originam e perpetuam, bem como sobre possíveis brechas para mudanças. Ainda, nos ajuda na própria reflexão sobre a violência contra as mulheres como parte de um sistema de preconceitos que legitima reações agressivas espontâneas, reiteradas, pragmáticas e ultrageneralizadoras de homens cisgêneros contra mulheres cisgêneras, no espaço doméstico e familiar.

Para HELLER (2000), a reflexão crítica em relação ao que se passa na cotidianidade, o que poderia levar a alguma transformação social, depende da suspensão da vida cotidiana. Isso, para a autora, é possível por meio da arte, da ciência e da criatividade. Sua análise traz uma visão do cotidiano que se destina à manutenção de uma certa forma de vida - discriminatória -, o que, entendemos, abre poucas brechas para imaginarmos mudanças sociais como as objetivadas em um grupo reflexivo de gênero.

É nesse ponto que o giro feito por MICHEL DE CERTEAU (1998) na sua leitura do cotidiano, aprofundada pelos estudos *nosdoscum* os cotidianos em educação, ganha especial relevo. Certeau possibilita um olhar para as práticas cotidianas justamente como forma de resistir a opressões, por meio de táticas de usos das normas e artefatos culturais (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018). O historiador deslocou a ideia de “um consumo supostamente passivo e/ou alienado dos produtos que recebemos para o que ele chama de criação anônima, que surge como a prática do desvio no uso que fazemos desses produtos” (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018, p. 29). Conforme explica GIARD (1998, p. 13), sua empreitada teórica foi a de se interessar “não pelos produtos culturais oferecidos no mercado dos bens, mas pelas operações de seus usuários”.

Em suma, Certeau afirmou “a vida cotidiana como *espaçotempo* de criação permanente de conhecimentos e de modos de conhecer, de existir e de viver com os outros” (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018, p. 36). Em vez de ver o cotidiano como *espaçotempo* da repetição e da reprodução, enxergou-no como lugar de criação, constituição de microliberdades e redes de antidisciplinas (FERRAÇO, SOARES, ALVES, 2018).

Isso, contudo, não implica um regresso ao individualismo (CERTEAU, 1998), porque o que promove é o deslocamento do foco para os modos de operação ou esquemas de ação em relação àquelas macroestruturas (CERTEAU, 1998) - no caso, normas sociais de gênero. A intenção desse deslocamento é “explicitar as combinatórias de operações que compõem também (sem ser exclusivamente) uma 'cultura'” (CERTEAU, 1998, p. 38).

Diante de tudo isso, tenho compreendido que esta perspectiva pode contribuir com novos olhares sobre problemas antigos, como a violência doméstica contra as mulheres e a associação entre masculinidade e violência. Ademais, comporta a esperança do inesperado, daquilo que se cria, e que portanto é novo, e não se reproduz. De fato, tenho olhado para os cotidianos como *espaçotempo* que pode nos contar o que efetivamente tem sido feito de artefatos culturais cristalizados e impostos desde cima, tanto quanto das próprias reflexões promovidas a partir das intervenções com HAV.

Se o cotidiano é o *espaçotempo* da repetição e manutenção de padrões (HELLER, 2000), também é o da subversão, da antidisciplina (CERTEAU, 1998). Se é no cotidiano que as violências acontecem; são as microrrevoluções cotidianas que podem construir outras experiências e outros relatos de vida e de relações, viabilizando redes de formação não violentas. Nesse sentido, NILDA ALVES (2003, p. 66) é elucidativa:

[...] ao mesmo tempo que reproduzimos o que aprendemos com as outras gerações e com as linhas sociais determinantes do poder hegemônico, vamos criando, todo dia, novas formas de ser e fazer que, “mascaradas”, vão se integrando aos nossos contextos e ao nosso corpo, antes de serem apropriadas e postas para consumo, ou se acumulem e mudem a sociedade em todas as suas relações. É, pois, assim que aprendemos a encontrar soluções para os problemas criados por soluções encontradas anteriormente.

E isso é particularmente interessante quando estamos diante da proposta de observar o cotidiano de intervenções educativas com homens autores de violência e suas reverberações nos cotidianos das famílias. Isso porque aquelas dizem de um processo de *aprenderensinar* (ALVES, 2003) por meio do qual vamos acessando o que aprendemos sobre gênero e sexualidades com narrativas hegemônicas, e as relações de gênero que de fato vamos criando - e que temos o potencial de criar - diariamente, a partir dos nossos usos dessas narrativas, diante das “redes cotidianas” (ALVES, 2003) em que estamos emaranhados. Reside aí um potencial de percepção de que se tratam de construções sobre as quais temos, também, agência.

4. CONCLUSÕES

Considerando o exposto, podemos brevemente concluir que HELLER (2000) nos ajuda a compreender como comportamentos consuetudinários e normas sociais são assimiladas e se tornam práticas cotidianas sustentadoras das estruturas sociais - podemos pensar, aqui, no sistema patriarcal, capitalista e colonialista que está na base das opressões de gênero, e, portanto, de violências contra mulheres. Sua atenção está, então, no efeito do nível macro sobre o micro, naquilo que faz com que as coisas continuem como estão, naquilo que leva a vida e as relações a serem reproduzidas de uma certa forma. CERTEAU (1998), por outro lado, desloca o olhar para o micro, foca na potência transformadora do social contida nas práticas cotidianas. O autor abraça a tarefa de pensar em como normas culturais são subvertidas na cotidianidade a partir dos usos que delas são feitos pelos/as praticantes - o que nos leva à inquietação sobre que usos têm sido feitos daquilo que circula *dentrofora* de grupos reflexivos com homens autores de violência doméstica. Em comum, ambos veem nas práticas cotidianas o cerne da constituição do social, justificando a valorização que esse *espaçotempo* merece, uma vez que campo privilegiado para investigar, compreender processos sociais e intervir com vistas a mudanças sociais. Assim, podemos dizer que ambas percepções não são necessariamente ou reciprocamente excludentes, mas, de algum modo, complementares e valiosas aos estudos das intervenções com HAV.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, N.. Cultura e cotidiano escolar. **Revista Brasileira de Educação**, n. 23, p. 62–74, maio 2003.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.
- FERRAÇO, C.E., SOARES, M.C.S., AND ALVES, N. **Michel de Certeau e as pesquisas nos/dos/com os cotidianos em educação** [online]. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2018, 109 p.
- GARCIA, Regina Leite. A difícil arte/ciência de pesquisar com o cotidiano. In: Garcia, Regina Leite (org.). **Método, métodos e contramétodo**. São Paulo: Cortez, 2003.
- GIARD, Luce. Apresentação. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 3. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p. 9-34.